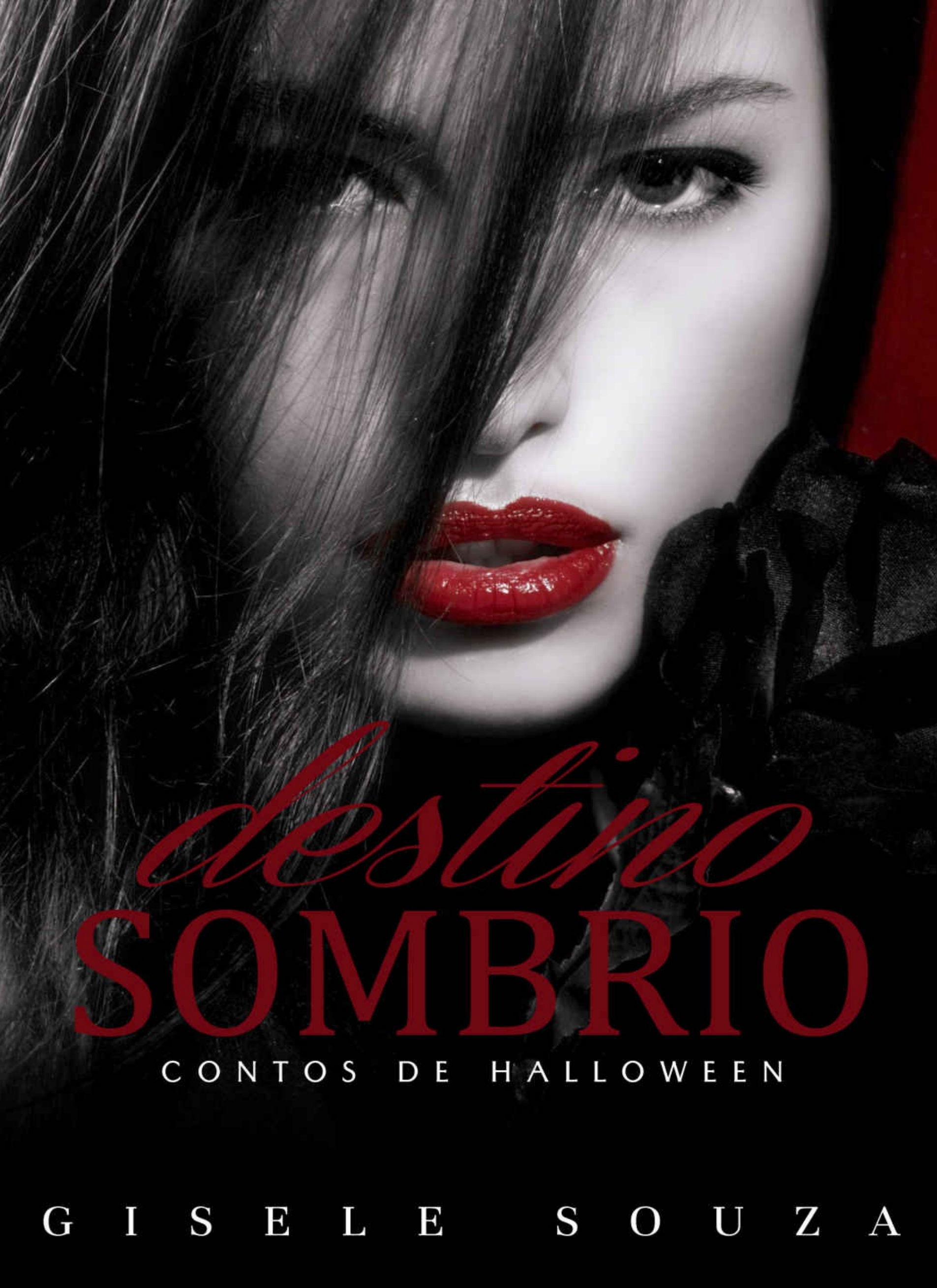
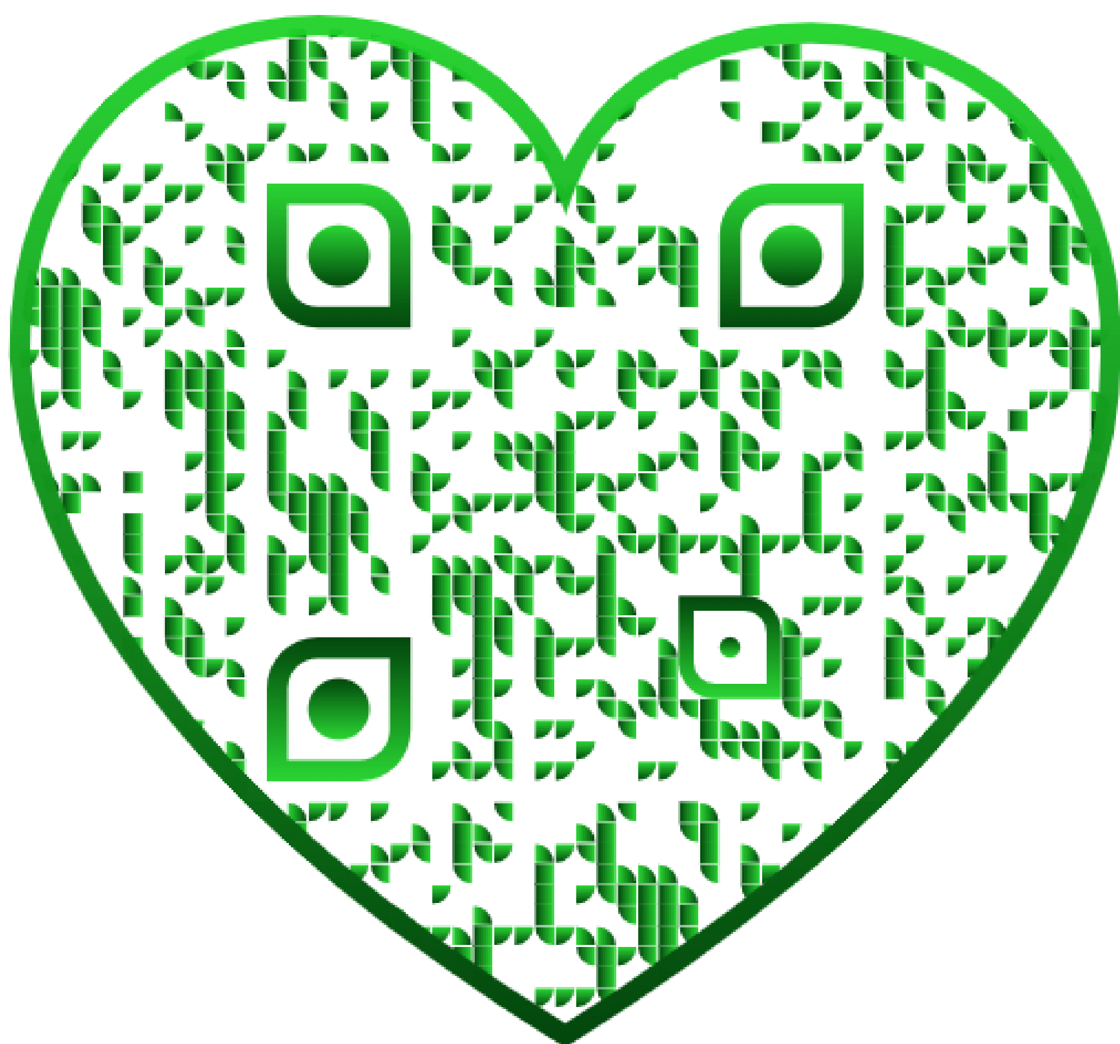

destino
SOMBRIO
CONTOS DE HALLOWEEN
GISELE SOUZA



DESTINO SOMBRIO

CONTOS DE HALLOWEEN

GISELE SOUZA

Copyright © 2016 Gisele Souza

Capa: Gisele Souza

Revisão: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

AMOR SOMBRIO

Por cinco anos, eu vivi com medo. Ele iria me encontrar eventualmente, fui avisada que era só questão de tempo e não havia maneira que pudesse escapar. Passei a vida sentindo que algo me acompanhava e a noite que perdi meu pai para o câncer foi imprescindível para a certeza de que meu fim estava traçado. Ele olhou para mim com os olhos azuis cansados da luta que vinha enfrentando.

— Aline, eu já estou pronto. Ele veio me buscar! — Um sorriso sincero que há muito tempo não via, desenhou-se em seus lábios ressecados.

Meu pai olhava para o nada com tanta esperança que tentava se manter firme e não chorar. Ele estava delirando mais uma vez por causa das dores.

— Quem, pai? O senhor está me assustando. Ainda não é sua hora!

Ele levou sua mão magra em meu rosto e balançou a cabeça. Aquele gesto havia sido feito tantas vezes, por tantos motivos, que alegrava o meu coração receber o seu toque novamente.

— Não fique com medo, minha menina. Ele é bom, vai me tirar essa dor. — Virou-se olhando para o lado e assentiu para o nada. — Disse que virá por você, meu doce. Logo, será sua vez e poderemos nos ver de novo. Não tenha medo — sussurrou.

Papai fechou os olhos com um sorriso aliviado. As máquinas começaram a apitar indicando que seu coração já não batia mais. Suas palavras se esvaneceram na dor da perda que sentia.

Eu me permiti chorar por dois dias inteiros; e depois que passou a fase inicial do meu luto, passei a pensar com mais clareza porque sabia que ele estaria melhor agora. A dor que papai passou não deveria ser sentida por ninguém, eu não gostaria de vê-lo daquela forma por mais tempo. E no fim ficou a lembrança de um pai amoroso e presente. Acreditava que era apenas isso

que restava para todos nós, o que éramos e o que fazíamos os outros sentir. Pois não somos nada mais do que carcaças com data de validade.

No meio daqueles dois dias não conseguia parar de pensar nas últimas palavras do meu pai, que logo seria a minha vez. Por mais que pudesse ser delírio, ainda assim me arrepiava ao lembrar. Ele parecia tão certo... eu não tinha medo de morrer, mas me aterrorizava ao pensar em quem viria me buscar.

Depois de resolver todas as coisas do enterro do meu pai e suas pendências, eu fugi. Por medo, ou talvez fossem as lembranças que ainda tinha naquela casa. Não me atreveria a enumerar apenas uma delas, mas o fato era que me senti melhor saindo daquela cidade.

Porém, mesmo sabendo que a morte me encontraria em qualquer lugar, decidi não facilitar.

Comecei a viver minha vida cautelosamente, fui tão saudável quanto podia, não me envolvia em situações perigosas. Era quase uma eremita. Não iria por vontade própria, isso teria certeza.

O tempo passou, acabei esquecendo tudo que meu pai disse em seu leito de morte. Vivi minha vida tranquilamente, sem muitas emoções. E por mais que não pensasse naquilo todos os dias, o fantasma que me acompanhou a vida toda não saía do meu lado.

No quinto aniversário da morte do meu pai, a angústia em meu peito aumentou de uma forma que quase perdi o ar. Resolvi me isolar ainda mais, quem sabe assim as palavras silenciavam em minha cabeça.

Aluguei uma cabana no meio da montanha, precisava tirar da minha cabeça a sensação sufocante de estar sendo perseguida. Mesmo que o local não fosse tão alegre e descontraído, curiosamente era em locais sombrios que me sentia melhor, parecia que as sombras me protegiam.

Os dias passaram os mais normais possível para alguém como eu e quando já havia feito uma semana que estava naquela montanha sabia que algo estava para acontecer.

A noite já havia caído e me sentei na varanda

numa cadeira de balanço. Olhava as árvores balançando com o vento frio e acabei um pouco hipnotizada com o movimento, meus olhos ficaram pesados e me abracei para espantar o calafrio que tomou conta do meu corpo. Adormeci com a sensação de estar sendo observada.

Não sei quanto tempo se passou até que um pesadelo me fez abrir os olhos assustada. No sonho eu era consumida por um ser sombrio que vinha me buscar e tomava o que era seu de direito, mas, na verdade, meu coração se alegrava em se entregar. O que era um absurdo, onde alguém fica feliz ao se perder?

Respirava entrecortadamente, pois aquela sensação de ser observada continuava latente em mim e me sufocava.

Meus olhos esquadrinharam a vegetação e não vi nada que já não estivesse ali. Levantei-me e virei para entrar, mas quando girei o meu corpo um vulto ao lado da varanda me chamou a atenção.

Minha pele se arrepiou e senti calafrios percorrendo minha pele. Minha mente gritava para que

corresse e entrasse... me escondesse! Precisava fugir, mais uma vez. Mas eu não conseguia obedecer, meus pés estavam pregados no chão e eu olhava aquela sombra assustadora sem conseguir desviar os olhos. Até que o vulto se moveu, transformando-se na silhueta de um homem coberto por uma capa preta, não se via um pedaço de pele exposta.

Um medo invadiu meu coração e, ao mesmo tempo, ao visualizar aquele homem sombrio, meu corpo se acendeu de uma maneira que não podia acreditar, nunca havia acontecido algo similar comigo. A morte havia me encontrado e eu estava excitada com esse fato.

Com o coração acelerado observei aquele ser aproximando-se devagar, não conseguia me mover. Minha respiração se intensificou e estava certa de sofrer um ataque do coração. A cada centímetro que ele chegava mais perto podia vislumbrar um pouco mais dele, sua presença marcante deixou minha pele sensível e totalmente arrepiada. Era, no mínimo, assustador estar tão próxima à morte e desejar por isso.

Um grunhido baixo veio do homem à minha frente e quando ele deu a volta na varanda em direção à pequena escada que levava até onde eu estava parada, ofeguei sem poder segurar. Um terror repentino me acometeu, fechei os olhos e pensei que poderia ser um pesadelo, poderia ainda estar dormindo na cadeira de balanço e tudo aquilo se devia ao fato de ser Halloween e eu estar constantemente com medo, e naquele momento percebi que o local que escolhi para me esconder não era exatamente um lugar feliz para distrair a minha cabeça de pensamentos de morte.

Mas quando o senti tão perto percebi que não havia maneira daquilo ser uma fantasia da minha mente assustada. Era a realidade. Ele, enfim, tinha vindo me buscar, meu pai tinha razão, sua respiração fria tocava a pele do meu rosto e permaneci de olhos fechados. Tinha medo do que veria, pelas histórias que ouvi do anjo da morte ele era terrivelmente feio, devia ter buracos nos lugares dos olhos.

— Abra os olhos! — Aquela voz rouca e grossa

comandou e imediatamente os abri. Era automático seguir suas ordens, o que causou um arrepio aterrorizante em minha espinha. Pelo jeito, eu estava condenada a segui-lo sem poder me esquivar.

Mantive meu olhar baixo sem me atrever a perscrutar sua fisionomia.

— Faz o que tem que fazer. Não me faça sofrer, você teve clemência com o meu pai, tirou-o da dor que sentia.

Uma risada sinistra veio do homem à minha frente, se pudesse chamá-lo assim, mas ao mesmo tempo aquilo me causou um arrepio diferente. Eu não podia acreditar. Estava atraída pelo meu algoz.

— Você não pode pedir nada, eu controlo se vive ou morre — grunhiu em alto e bom som. — Olhe para mim!

Engoli em seco e levantei meus olhos. O que vi me deixou de pernas bambas, não sabia se estava mesmo vendo aquilo. Era aterrorizante e incrivelmente lindo! Seu rosto forte de ossos pronunciados, queixo quadrado,

lábios cheios e olhos negros penetrantes deixavam-no com uma aparência fria e cruel. Que me deixou completamente encantada!

— Está com medo?

Algo me disse para negar, não devia confirmar com palavras o terror que sua presença me causava. Neguei com a cabeça devagar e ele sorriu friamente.

— Pois devia, eu te segui por toda sua vida. Desde o momento em que deu o primeiro suspiro nesse plano. Eu a acompanhei a cada ano de desenvolvimento esperando por esse dia.

— Como assim? Não entendo! Você é o anjo da morte. Não devia estar próximo somente a quem está à beira de perder a vida?

— Teoricamente sim! Mas com você eu não consegui ficar longe. Quando seu pai adoeceu pude ficar mais próximo e conversei com ele, seu pai sempre soube do que você representava em minha vida. É um bom amigo.

Franzi a testa e me lembrei das vezes que meu pai

balbuciava em momentos de dor, e então sorria e dormia calmamente. Amigo da morte? Arregalei os olhos e o encarei.

— Você tirava a dor dele, por isso tinha tanto carinho quando falava de quando sua hora chegasse.

Não foi uma pergunta, mas uma constatação. Mas por quê?

— Um anjo da morte não é pressuposto se envolver, mas não pude suportar ver a tristeza em seus olhos vendo seu pai sofrer e não poder fazer nada. — Ele levantou uma mão pálida e retirou o capuz, seus cabelos negros e arrepiados clamavam por meu toque, mesmo sem eu entender o porquê. — Nem sempre fui um anjo da morte, por muitos anos eu vivi e amei. Quando cometi o erro de persistir em viver esse amor, fui condenado e por séculos esperei por esse dia. Enfim, encontrei uma maneira de burlar meu destino... e o seu.

Levou a mão direita até meu rosto e seus dedos frios tocaram a minha pele. Fechei os olhos, pois era muito bom, até demais para alguém que levaria minha

vida e que controlaria meu destino e que, pelo jeito, havia me observado a vida inteira. Meu coração se enregelou com aquele pensamento.

— Como assim, o meu destino? O que eu tenho a ver com sua história?

— Nós vivemos no ano de 1365. Eu era jovem e estúpido, mas eu a amava tanto. Na verdade, nos amávamos desde que éramos crianças. Contudo, nosso amor era proibido e mesmo assim me neguei a afastar-me. A tomei como minha e fui castigado, chicoteado até perder as forças enquanto a via sendo queimada viva, julgada por bruxaria ao me seduzir. Roguei aos céus que me tirasse aquela dor e foi quando recebi a visita da morte. Peguei o seu lugar com a promessa de poder tê-la depois de cumprir um trabalho por mais de quinhentos anos de solidão. E, enfim, chegou esse dia. Espero por você por mais tempo do que pode imaginar. Quando nasceu, não podia acreditar que, enfim, havia chegado a nossa vez.

Essas palavras deveriam ter o poder de me deixar amedrontada. Como alguém é capaz de vender sua alma à

morte para mais uma chance de estar com alguém que se ama? Muito pelo contrário, meu coração se encheu de felicidade, como se o que ele estivesse dizendo fosse verdade... que realmente tivéssemos vivido um lindo amor e agora poderíamos ficar juntos.

— E como isso vai acontecer?

Ele sorriu malicioso e aquilo, naquele homem, se é que poderia ser descrito assim, era extremamente sensual e excitante. Em seguida, ele se aproximou e sussurrou em meu ouvido:

— Eu vou te tomar para mim, mais uma vez.

Meu corpo se acendeu! Senti-o esquentando e, quando sua mão esquerda segurou forte em minha cintura e a direita deslizou atrás do meu pescoço, seu toque se tornou estranhamente familiar. Fechei os olhos e respirei fundo aceitando meu destino.

— Qual o seu nome? — Precisava saber o nome do meu captor, aquele que tiraria a minha vida.

Ele aproximou seu rosto do meu e sua respiração gelada soprou em meu pescoço.

— Ian! — sussurrou.

Seus lábios tocaram meu pescoço e deslizou por meu rosto. Eram macios e frios, mas estranhamente familiar. Quando sua boca alcançou a minha, abri meus olhos e o encarei. O homem era intenso e quando me beijou foi o mais doce que pude provar. Sua língua acariciou entre meus lábios pedindo passagem, entreabri-os e o gosto que vinha dele era como o frescor da madrugada. Aquele arrepio familiar, de anos, que agora identificava o causador, não me dava mais medo. Estava em expectativa.

Seu aperto em minha cintura se intensificou e escutei um gemido rouco vindo dele. A mão em meu pescoço ficou mais firme e me vi sendo imprensada contra a parede. Seu corpo forte me envolvia e tirava meu juízo. Ele levantou-me e imediatamente enlacei as pernas em sua cintura, senti sua ereção encostando-se em mim. Ian descolou a boca da minha e olhou em meus olhos.

— Eu vou te tomar. Sei que se guardou para mim. Você é minha! Sempre foi...

Agora que ele comentou, percebi o motivo de não ter me entregado a ninguém. Já namorei, mas nunca senti vontade de ir até o fim com nenhum dos caras.

Ian me pegou em seus braços fortes e levou-me para dentro da cabana. Deitou-me no tapete macio em frente à lareira e apoiou-se em seus braços e joelhos.

— Eu esperei muito tempo por isso!

Ele levantou-se, tirou a capa que cobria seu corpo, por baixo vestia apenas uma camiseta branca e calça de moletom negra. Seus olhos não deixaram os meus enquanto se despia. Eu fiquei meio anestesiada de tudo, eu iria transar mesmo com o anjo da morte? Quão louco isso era? Lambi meus lábios vendo o que escondia por baixo daquele manto preto. O homem era simplesmente tentador. Quando ele se inclinou, seu cheiro amadeirado me envolveu e fechei os olhos quando ele foi abrindo os botões do meu vestido de inverno, e por baixo só tinha uma calcinha simples de renda branca.

— A sua pureza sempre me encantou desde o início, Aline. Sua luz sempre envolveu minhas trevas

tirando a tristeza e solidão. Quando estava perto de ti, poderia ficar em paz.

Meus olhos se abriram e o encarei, queria poder me lembrar dele como se lembrava de mim. Sorrindo, ele envolveu seu corpo no meu. Aproximou-se do meu ouvido e falou baixinho:

— Eu vou fazer você lembrar.

Suas mãos acariciaram meu corpo fazendo-me recordar certos toques. Um flash do passado passou-se por minha mente. Estávamos num celeiro, Ian era muito jovem, parecia adolescente. Ele parecia nervoso e eu vestia aqueles vestidos de época. Estávamos envergonhados, mas completamente apaixonados. E então a lembrança se foi. Olhei para o topo da sua cabeça e imaginei o que foi para ele passar tanto tempo à espera de me ter novamente.

Nossos corpos se roçavam e mais lembranças invadiam minha cabeça. Enfim, a memória de quando nos perdemos veio a mim, dolorosa e muito triste. Estávamos juntos, escondidos, porque eu era casada e ele um monge.

Fui obrigada pelo meu pai e mesmo assim não conseguia esquecer o Ian. Meu amado foi chicoteado e torturado. Enquanto acendiam a pira em que eu queimaria, a última coisa que vi foi o sorriso em seus lábios, que pareciam dizer que tudo focaria bem, e aqueles olhos escuros cheios de paixão e amor. Lembrei-me de que era noite de Halloween. Vivi anos com medo da morte, à espera do que me acompanhasse enfim me pegasse, mas agora que a tinha em meus braços, podia jurar que aguardava com ansiedade por esse momento.

Seus lábios percorriam minha pele milímetro por milímetro com adoração e intensidade. Suas mãos faziam com que meu corpo se contorcesse de desejo e o familiar calafrio deu um sentido diferente de prazer, meu corpo pulsava e eu precisava daquele anjo sombrio para me tornar completa. Era como se eu estivesse adormecida por séculos. Em seus braços eu estava bem, acreditei que mesmo depois da morte estaria viva ao seu lado.

Ian me amou com uma calma irritante, doeu um pouco, mas logo essa dor foi substituída pelo mais intenso

prazer. Todo o amor que estava enterrado em mim veio à tona. E chorei de emoção por tê-lo de volta. Nossos corpos se moviam um contra o outro tomando o que nos era de direito. Eu era dele e ele poderia me levar.

Seus lábios se apossaram dos meus enquanto ele se movia com volúpia dentro de mim, estávamos em sincronia, com nossas línguas se enroscando, as mãos se acariciando e os corpos devorando-se.

O êxtase nos invadiu e eu me senti completa, seu corpo tremia sobre o meu e senti-me relaxar em seus braços.

Ian se levantou sobre os cotovelos e me encarou.

— Eu vou te levar comigo!

— Como assim?

Seus olhos se tornaram tristes e sombrios.

— Esse foi o meu trato. Se quinhentos anos depois você ainda me amasse, eu a teria comigo, porém estou preso a esse trabalho. Só há uma maneira de você ficar comigo. Estou com sua vida em minhas mãos. Mas não

vou roubar a sua escolha dessa vez!

Arregalei os olhos quando entendi o que ele estava dizendo.

Ian encostou a testa na minha e respirou profundamente. Eu teria que morrer para estar ao seu lado. Em meu coração eu estava cheia de felicidade, estava plena na mais completa calmaria por estar com ele de novo, depois de tudo que sofremos separados, mesmo sem eu ter a noção disso sentia que sempre faltava um pedaço da minha alma. Mas ainda tinha medo pelo que me esperava. Eu era a mesma mulher que viveu ao seu lado, mas ao mesmo tempo não era.

— Não tenha medo, Aline! Eu vou te proteger!

Engolindo em seco assenti confiando plenamente em suas palavras e ele sorriu. Levantou-se tomando aquela expressão sombria e meu corpo se arrepiou. Vestiu-se com o manto negro e me envolveu em um lençol branco que estava sobre o sofá. Pegou-me em seus braços e caminhou em direção à porta. A noite de Halloween estava escura e sem estrelas. Olhei para o rosto daquele

homem e fui de bom grado a caminho da morte.

No final, passei a vida esperando pelo meu último suspiro.

DÍVIDA DE LIBERDADE

Um barulho chamou a atenção de Diana, que se virou tentando identificar de onde vinha aquele som estranho. Seus lábios se entreabriram e seus olhos esquadrinharam a rua deserta. A menina sabia que era perigoso estar andando àquela hora da noite sozinha, mas não teve outra opção. Sua aula havia acabado tarde e uma de suas amigas a pegou para conversar. A garota não estava com muita paciência e logo deu um jeito de se livrar do papo-furado que foi submetida. Só que, infelizmente, já era muito tarde e o último ônibus para seu bairro tinha partido, teria que ir a pé.

Não encontrando nada às suas costas, Diana voltou a andar apressada. Estava a poucos quarteirões de sua casa e era melhor chegar rápido. Alguma coisa estranha estava acontecendo. Desde que se entendia por gente sempre seguiu seus instintos, por mais estranho que as pessoas pudessem pensar, essa “estranheza” a salvou de

muitas enrascadas.

A noite estava fresca, mas subitamente um vento gelado soprou em seus cabelos cor de mel e Diana sentiu um arrepio na espinha. Deu uma parada abrupta quando se deu conta de que não estava sozinha. Claro que não estava! Sua intuição lhe avisou, devia ter saído assim que a aula havia terminado. Mas sua boa educação a colocou nessa situação.

Diana sempre fora supersticiosa e aquela sensação não era uma coisa boa. O espectro que tinha ás suas costas não traria boas novas. Pela sombra do poste de luz pôde identificar se tratar de um homem e seu terror aumentou ainda mais. Seus ouvidos estavam apurados e distinguiu que o estranho, que estava a poucos metros de distância, sussurrava palavras ininteligíveis, talvez em outro idioma. Porém, de alguma forma a menina sabia que quem quer que fosse estava em seu encalço.

Quando tinha cinco anos de idade, Diana quase morreu, pegou uma doença que nenhum médico conhecia ou conseguia combater. Então seus pais, desesperados,

procuraram uma alternativa para salvar sua única filha. Em suas buscas incansáveis encontraram um amigo de um amigo que prometeu salvar a menina caso prometessem apenas uma coisa: a liberdade da garota quando a mesma fizesse vinte anos. Os pais de Diana estranharam, mas como não acreditavam nessas coisas aceitaram, já haviam se dado por vencidos e qualquer esperança da pequena melhorar seria um bálsamo aos seus corações aflitos. Com a palavra dos dois, que acertaram tudo com o homem, foram embora desolados. No dia seguinte, a filha teve uma recuperação maravilhosa.

Eles se esqueceram da promessa, mas Diana mudou desde aquele dia. Tornou-se mais sensitiva às coisas que as pessoas comuns não percebiam, muitas vezes achou que estava enlouquecendo. E com o passar dos anos se conformou e ignorou as sombras que a acompanhavam. Mas havia chegado a hora.

— Está pronta para pagar sua dívida, Diana? — Uma voz rouca e sombria soou em suas costas e a menina fechou os olhos, seu primeiro impulso seria correr, mas

sabia que era inútil e talvez só provocasse o ser que estava ali. Sem se virar, a garota tentou apelar.

— Quem é você, do que está falando?

Tehel riu de lado e observou a estatura daquela garota que ele vigiou por quinze anos, desde que seus pais fizeram o acordo com seu mestre Traana.

Traana ansiava pelo dia que tomaria posse de mais uma vida. Mais uma escrava para a realização dos seus mais sórdidos desejos. Tehel tinha pena da pobre menina... e também um desejo incontrolável que não poderia saciar nunca. Ele não pegaria as sobras do mestre quando acabasse com a garota.

Pobre humana... Ele sabia muito bem como as mulheres ficavam após uma noite com o elfo sádico.

— Você tem uma dívida a pagar, Diana. Seus pais fizeram uma promessa e está na hora de cumprir.

A garota sentiu que poderia perder a respiração com a revelação. Não porque achava ser apenas um truque de um maníaco, mas porque sabia que era verdade. Sabia que sua vida estava em risco há muito tempo. E sempre

sentiu a presença de um ser sombrio às suas costas.

— Mas você não pode me levar... — tentou apelar como uma última escapatória, mesmo não havendo nenhuma.

A garota virou-se para encarar aquele que a levaria para o encarceramento eterno. Quando seus olhos se fixaram naquele ser, ela precisou segurar a respiração e imediatamente seu corpo se arrepiou. Era como se ela esperasse por aquele homem, se é que se pudesse dizer isso do espécime à sua frente.

Ele era enorme, cheio de músculos, cabelos brancos e longos que caíam sobre os ombros largos, e um rosto que era ao mesmo tempo bonito e cruel.

— Você não tem escolha, sua vida em troca da liberdade, esse foi o acordo. É chegada a hora, Traana a espera.

No momento em que Tehel tocou em sua têmpora, Diana caiu desfalecida em seus braços. O elfo ficou observando a beleza delicada da humana, as mulheres de sua espécie eram sempre tão brutas e suas feições não

escondiam a luta que travavam diariamente, estar tão perto dela assim chegava a lhe doer o coração pelo que a esperava.

— É uma pena que toda essa beleza amanhã já não existirá, nem mesmo a inocência.

Tehel realmente se lamentou sem saber muito bem o porquê.

***

A viagem de volta para a sua terra foi complicada carregando o peso da barganha de seu mestre nas costas, mas ao mesmo tempo foi uma bela distração de seus pensamentos homicidas. De alguma forma, só de imaginar o que Traana guardava para a doce garota, fazia com que Tehel trincasse os dentes a ponto de quebrá-los. Porém, ele não poderia se envolver, seria suicídio.

Em algum momento Diana acordou, sem motivo algum, pois a hipnose deveria permanecer até que um

esforço a tirasse.

— Me coloca no chão, seu maldito!

Pego de surpresa, o elfo de cabelos brancos estacou no lugar antes de atravessar a ponte que os levava até o castelo.

Pensou ter escutado coisas, mas a leve tentativa da humana em lhe ferir não poderia ser ignorada.

— Não ouviu, seu idiota! Me coloca no chão.

Sem saber o porquê a obedeceu, Tehel impulsionou a mulher em seus braços livres até que os pés dela encostaram no chão. Os cabelos escuros caíam em seu rosto e era uma visão até engraçada. O que era novidade para o solitário elfo, já que ele não via motivos para sorrir por séculos.

— Não adianta eu te colocar no chão, humana. Irei te levar até meu mestre.

— Bom, ele deve ser melhor do que você. Tem, pelo menos, senso de humor ou tem essa cara aí mesmo? — Apontou para o rosto de Tehel que franziu a testa.

— Traana só quer escravizar você, não lhe divertir.

Por um segundo, Diana pensou que poderia distrair aquele gigante de cabelos brancos, mas depois que suas palavras foram proferidas ela soube que não conseguiria se livrar. Havia uma sombra no rosto de seu captor, que dizia que ele falava a sério. Já não seria uma mulher livre, se tornaria escrava.

Mas ela ainda sentia que a vida podia ser diferente. Por quê? Tinha algo a ver com o elfo à sua frente.

— Você precisa me salvar!

A voz da humana fez alguma coisa com seu coração. Mas Tehel tentou não prestar atenção, a sua obrigação era com a raça élfica e não com uma frágil escrava.

Sem dizer nada, ele a pegou como um saco de batatas e a jogou em seus ombros, a silenciando com um feitiço do sono. Não precisava da mulher falando sem parar em suas costas.

Assim que chegaram ao castelo do rei elfo, Tehel foi recebido por seu antigo amigo, Lo'ren.

— Vejo que a trouxe! Pobre moça.

Tehel olhou para o amigo e não conseguia dizer uma palavra, seu coração, que há muito tempo não sentia nada, batia descompassado ameaçando sufocá-lo. Já não sabia o que lhe ocorria.

Sem dizer uma palavra, ele continuou sua caminhada em direção à condenação da pobre humana. Antes de entrar nos aposentos de Traana, ele mudou Diana de posição em seu colo e olhou seu rosto tão perfeito pela última vez.

— Sinto muito por isso, humana! Mas se eu a ajudar minha vida acabará. Tem que ser feito, o mestre precisa de sucessores. Você não durará por muito tempo, é tão frágil...

Era errado tudo que acontecia no reino dos elfos, eles haviam sido escravizados por Traana há séculos e não conheciam mais a liberdade. Para seus súditos, ele era um deus e tinha poder para aniquilar toda a raça se

assim desejasse, por isso conseguia que todos os seus desejos fossem atendidos.

Tehel estava pronto para entregar a barganha de seu mestre, quando Diana abriu os olhos, o que era estranho. Nenhum humano deveria acordar de um encanto élfico, pela segunda vez. Ela sorriu e levantou a mão colocando no rosto daquele elfo tão solitário.

— Por que está tão sério, anjo? É pressuposto que nos faça feliz, como um anjo pode ser feliz com essa cara?

Do que estava falando. Há alguns minutos o estava chamando de maldito! Deveria ser louca, bom, a sua tormenta duraria ainda menos, o que amenizaria a culpa em seu coração.

Confuso, o elfo franziu a testa pelas palavras desconexas da humana e também pelo redemoinho de sentimentos que invadiu seu coração. Por que ele se sentia daquela maneira? O que aquela humana estava dizendo?

Antes que ele pudesse fazer as perguntas, a porta foi aberta com força e seu mestre estava à sua frente, o olhando, como se fosse aniquilar toda a raça se ele

demorasse mais um segundo.

— Por que demorou tanto, escravo?

Tehel precisou engolir milhares de ofensas e olhou enojado para o seu mestre.

— Sinto muito, mestre.

— Desculpas não adiantam de nada, me dê ela. Precisa ser feito antes da meia-noite da noite das bruxas.

Tehel estranhou a pressa de seu mestre, já que teria a humana por toda a eternidade, mas ele não estava em posição de contrariar o rei dos elfos por sua precipitação em ter seu pagamento. O elfo entregou a mulher para seu mestre, que sem olhar para ela entrou em seus aposentos fechando a porta. Por uma fresta, Tehel pôde ver Diana olhando em sua direção, o procurando. Aquilo acabou com seu coração. Ele sabia que se culparia por toda a vida.

Não que ele tenha sido bom, já havia feito atrocidades em nome de Traana. Era seu guerreiro mais forte e fiel, mas ainda havia um pequeno pedaço de honra em sua alma.

Porém, já era tarde demais para a humana.

Assim que se virou, ele deu de frente com uma mulher antiga da aldeia, alguns diziam que era uma bruxa, outros que era um demônio... mas ele preferia pensar que era apenas uma senhora louca. O que muitos não sabiam era que ela tinha visto Traana subir ao trono e se tornar o rei dos elfos, sabia de coisas demais, por isso o mestre a mantinha por perto a transformando em louca.

— O trono ainda não é de Traana, Tehel! A moça é a chave.

— O que está querendo dizer?

— Traana roubou o trono e para que pudesse realmente se tornar rei precisaria roubar a liberdade de uma virgem donzela antes do final da noite das bruxas, mas se ela se apaixonasse por um descendente real, o trono passaria para as mãos de quem realmente o merecesse.

Tehel ficou observando a velha se afastar, ainda parado na porta de seu mestre, pensativo. Se, pelo menos, houvesse um descendente de sangue real... Naquele

momento um grito foi ouvido de dentro dos aposentos de Traana. Sem conseguir pensar direito, o elfo entrou nos aposentos de seu mestre e viu Diana amarrada nos dosséis da cama, o mestre estava longe de ser visto, e sem pensar demais soltou as mãos da doce humana.

Ela o observava com cautela e medo, mas ele jurou ver em seus olhos esperança e carinho. Mesmo que isso fosse impossível, já que a mulher deveria odiá-lo.

— Não tenha medo, eu vou te libertar.

Mesmo sem saber, com aquela promessa Tehel marcou em seu caminho o destino que sempre esteve fadado a ter.

Traana roubou o trono de Tehel quando ainda era um bebê, escravizou toda a raça em nome do poder e transformou o herdeiro do rei em seu mais fiel escravo.

Tehel levou Diana até seus aposentos e cuidou dela até que dormisse, tentaria entregar a humana aos seus pais quando amanhecesse. Mas antes da meia-noite seu coração acelerou ao vê-la acordada, o observando.

Por mais que vivesse, nunca teria novamente uma

visão como aquela. A roupa profana que seu mestre havia colocado na mulher a deixava ainda mais irresistível do que a doce menina que caiu em seus braços; quando se viu tão perto dela, ele sentiu seu calor e foi impossível não ceder aos seus encantos.

Parecia que tudo estava ensaiado. O medo de ser descoberto juntamente com a tentação do proibido o deixou cego para qualquer outra coisa que não fosse a doce Diana.

Os lábios se tocaram, as mãos se procuraram, os corpos se colaram e as almas se tornaram uma só. Sem saber, Tehel tomou para si a liberdade da menina. Com o sangue real correndo por suas veias, teve seu destino finalmente cumprido quando a tomou. A velha senhora estava certa. Ele havia encontrado o amor nos braços de uma humana, um ser fraco que ele daria a vida para proteger e que havia devolvido a liberdade para seu povo.

E em seus aposentos, Traana via seu corpo se desfazendo, tornando-se pó por todas as almas que escravizou. Naquela noite do dia das bruxas, a dívida fora

cobrada em seu preço mais alto.

Diana perdeu sua liberdade num mundo onde se sentia fora de lugar, mas ganhara uma nova vida ao lado do rei dos elfos sombrios.